



**ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DA
FIGUEIRA DA FOZ**

**ATA N.º 2/2013
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DE 25-04-2013**

“Nos termos do art.º 91.º da Lei n.º 169/99, de 18 de Setembro, com nova redação que lhe foi dada pela Lei nº 5-A/2002, de 11 de Janeiro, as atas são publicitadas na íntegra, mediante edital afixado durante 5 dos 10 dias subsequentes à sua aprovação, tendo em vista garantir a publicidade necessária à eficácia externa das decisões”.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata n.º 2 da Sessão Extraordinária de 25-04-2013

LOCAL - Salão da Sociedade Filarmónica Paionense-----

DATA -25 de abril de 2013-----

INICIO - dez horas e trinta minutos-----

A sessão iniciou-se com a presença de:-----

PRESIDENTE - Vítor Frederico da Silva Figueiredo Pais..... PSD

1º SECRETÁRIO - António Azenha Gomes..... PSD

2ª SECRETÁRIA - Maria Isabel Gaspar Ferreira de Sousa..... PSD

MEMBROS - José António Nogueira dos SantosMOVIMENTO FIGUEIRA 100%

Manuel Simões Mota PS

Lídio Manuel Coelho de Neto Lopes PSD

Adelino da Costa Pinto PS

António Francisco Guerra Padrão PSD

António Jorge Rodrigues Pedrosa MOVIMENTO FIGUEIRA 100%

Maria dos Prazeres Alves de F. de Mendanha e Albergaria PS

Francisco Nuno Costa de Melo Biscaia PS

David Manuel Fajardo Azenha PSD

João Manuel Ferreira Rola MOVIMENTO FIGUEIRA 100%

Nelson César Santos Fernandes CDU

Marina Resende Gomes da Silva PS

Manuel António Fernandes Domingues PSD

Mafalda Sofia Mendes Azenha PS

Luís Nuno de Almeida e Castro PS

Sara dos Santos Ribeiro Marques PS

João Paulo Águas Tomé Ferreira dos Santos BE

Rui Manuel Ramos Carvalho PS

Bruno Manuel Samagaio dos Reis PSD

Nuno Manuel Ribeiro Maia Caetano PSD

PRESIDENTES DE JUNTAS DE FREGUESIA

(Alhadas) Jorge Manuel Rocha Oliveira PSD

(Alqueidão) Maria Caeiro Marques Simão PSD

(Bom Sucesso) Dário Figueiredo Acúrcio PSD

(Borda do Campo) José António Carvalho Gaspar PS

(Brenha) Fausto Fernando Santos Loureiro PS

(Buarcos) José Manuel Matias Tavares PS

(Ferreira-a-Nova) Euclides Pagaimo de Jesus Frade PSD



(Lavos)	José Elísio Ferreira de Oliveira INDEPENDENTE
(Maiorca)	Filipe Humberto Mateus Dias PSD
(Marinha das Ondas)	Manuel da Conceição Rodrigues Nada PS
(Moinhos da Gândara)	Paulo Manuel Querido Rodrigues PSD
(Paião)	João Paulo Gonçalves Pinto PS
(Quiaios)	Carlos Manuel da Silva Rabadão PSD
(Santana)	Fernanda do Rosário Oliveira PSD
(S. Julião)	Fernando Góis Moço PS
(São Pedro)	Carlos Manuel Azevedo Simão INDEPENDENTE
(Tavarede)	Victor Manuel dos Santos Madaleno PS
(Vila Verde)	João Filipe Carronda da Silva Antunes PS

Após verificação do quórum, deu-se início à sessão.-----

SUBSTITUIÇÕES

Ana Elisabete Laborda Oliveira por Nuno Manuel Ribeiro Maia Caetano, Maria Margarida de Oliveira Monteiro Fontoura por Bruno Manuel Samagaio dos Reis, e Paulo Filipe dos Santos Gonçalves por João Manuel Ferreira Rola.

JUSTIFICAÇÃO DE FALTAS

Ana Elisabete Laborda Oliveira, Maria Margarida de Oliveira Monteiro Fontoura, Paulo Filipe dos Santos Gonçalves, e Isabel Maria de Oliveira Ferreira Gonçalves Coimbra Barriga.-----

O Presidente da Câmara, acompanhado pelo Presidente da Assembleia Municipal, passou revista à formatura de honra constituída pelos Bombeiros Municipais e Voluntários da Figueira da Foz, seguindo-se a cerimónia do hastear da Bandeira Nacional.-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: “Senhor Presidente da Câmara, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Exm.ªs Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas presentes, Senhores Convidados, Filarmónicos da Sociedade Filarmónica Paionense, minhas senhoras e meus senhores, está aberta a Sessão Solene da Assembleia Municipal da Figueira da Foz Comemorativa do 39º Aniversário da Revolução do 25 de Abril.-----

Dou a palavra ao Presidente da Junta de Freguesia do Paião.”-----

PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DO PAIÃO: “Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhoras e Senhores Membros da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhoras e Senhores Vereadores da Câmara



Municipal, Senhoras e Senhores Autarcas, Ilustres Autoridades Cíveis e Militares, Senhor Padre Manuel da Silva, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Senhores Diretores da Sociedade Filarmónica Paionense, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Em meu nome e dos habitantes da Freguesia de Paião sejam Bem-vindos. É uma honra receber-vos na Vila de Paião.-----

Agradeço ao Senhor Presidente da Assembleia Municipal a escolha da Terra dos Alfaiates para a sessão comemorativa do trigésimo nono aniversário da revolução dos cravos e ainda a oportunidade para vos dirigir algumas palavras nestas comemorações de 39 anos de democracia.-----

Presto aqui a minha homenagem a todos quantos, pela sua luta, empenho e coragem, tornaram possível a revolução de Abril.-----

O 25 Abril de 74 foi uma revolução pacífica e pioneira, libertou-nos da opressão de uma longa ditadura obsoleta que nos mantinha como Estado, "orgulhosamente sós", e à margem da comunidade Europeia.-----

Foi uma revolução de sucesso porque atingiu os seus objetivos basilares: democracia e progresso.-----

Saúdo todos aqueles que com o seu esforço ajudaram a transformar Abril em mais e melhor educação, mais e melhor equidade social, mais e melhor habitação, mais e melhor saúde, mais e melhor igualdade de oportunidades.-----

Uma das principais conquistas de Abril foi o poder local, este, com uma função de proximidade na resolução efetiva dos problemas e anseios das populações. As Freguesias provaram ao longo da nossa recente história democrática que com pouco fazem muito. O que está em causa é a obtenção de um serviço público de qualidade, definido pelos olhos dos fregueses, prestado com eficiência, eficácia e economicidade. Aumentar a qualidade e reduzir custos é o segredo destas posturas, que as Freguesias conseguiram fomentar fortemente. Nunca poderá ser esquecido que o Poder Local foi, é e será entre nós, a janela para o grito de liberdade das populações e o mentor de desenvolvimento do país.-----

Mas depois de Abril de 74, o atual governo, é o campeão do combate ao poder local.-----

A diversa produção legislativa que tem sido emanada por este governo, a propósito das autarquias, resultaram em autênticos disparates como foi a "famigerada" lei da reorganização administrativa do território que deu origem à extinção de cerca de 1.200 freguesias.-----



Não posso deixar de expressar uma palavra de apreço e de solidariedade para com as Freguesias do nosso Concelho atingidas por esta política.-----
Todos sabemos que as Assembleias de Freguesia de Paião e Borda do Campo, assim como os seus executivos, foram contra esta alteração administrativa e política. Estando hoje e aqui, na Freguesia de Paião, e sendo estas duas freguesias afetadas, pretendo manifestar todo o apoio institucional para com a população da Freguesia da Borda do Campo por ser uma das Freguesias que vai ser agregada.----
Estou certo que os atuais executivos destas duas freguesias, assim como os próximos, irão seguramente afirmar a identidade histórica, gerar novas soluções e estabelecer as pontes necessárias entre as culturas e as gentes deste nosso território.-----
Para além das freguesias extintas, as restantes vão com o tempo definhando até à morte, pois o previsível corte no fundo de financiamento das freguesias, que se prevê na ordem de 20%, será uma realidade para muito breve.-----
Por isso os tempos que atravessamos são dos mais difíceis da nossa história mais recente, onde liberdade, verdade e desenvolvimento continuam a ser paradoxos que nos fazem pensar que estamos a deixar fugir Abril.-----
Todos sabemos que a crise económica e social atingiu a Europa de forma muito profunda e que provocou também a Portugal dificuldades acrescidas, fomentando uma grave recessão económica.-----
Bem sabemos também que o fortíssimo crescimento do endividamento do nosso Município, nos últimos executivos, cujos investimentos realizados em equipamentos diversos, alguns deles sem nunca se questionar a sua utilidade ou o seu efetivo impacto, levando hoje à asfixia de novos investimentos, muitos deles básicos e necessários, a efetuar principalmente nas Freguesias fora da sede do Concelho.-----
O tempo atual é de procura de soluções, de agir sem perder ideais como se perderam no passado. Nada se constrói sem se idealizar.-----
Apostar na criatividade, nos recursos naturais e patrimoniais. É necessário conceber oportunidades para criar cada vez mais desenvolvimento. Vai demorar tempo, mas quanto mais coisas se fizer acontecer, mais coisas serão construídas. E o Paião tem que fazer parte destes desideratos.-----
Antes de Abril de 74 esta Freguesia já tinha uma economia bastante atrativa, mas foi já no período democrático que a Vila do Paião foi complementada e dotada de um conjunto de infra-estruturas, equipamentos públicos e acessibilidades que nos



colocam como uma das Freguesias mais desenvolvidas do nosso Concelho.-----
O paião pugna por uma agenda de modernidade e de desenvolvimento sustentável.---
A sua geolocalização privilegiada a Sul do Concelho, permite condições de competitividade e para o desenvolvimento da economia no Concelho. Temos de interiorizar que a sua geolocalização deixou de ser uma tendência e tornou-se numa ocorrência.-----

Não podemos esquecer que temos à nossa porta o nó de acesso à Auto Estrada A17, estamos a poucos Kms do IC8 para ligação a Pombal e à A1, existe próximo - na Marinha das Ondas - a estação de caminho de ferro com possibilidade de cargas e descargas de mercadorias, por isso é fundamental criar as condições necessárias para a implementação de um Parque Industrial e sem dúvida é importante a alteração do Plano Director Municipal, que hoje já prevê uma pequena parcela na zona mas insuficiente para os objetivos pretendidos.-----

O Plano Director Municipal que tem sido um travão no desenvolvimento em algumas regiões também aqui na Freguesia de Paião o foi. Já decorreram uns longos 15 anos e os avanços para a sua alteração são muito pouco visíveis.-----

Os chamados PIN - Projetos de Potencial Interesse Nacional, que abrem as portas sempre aos grandes grupos económicos, que o governo utiliza tendo em vista a necessidade de dinamizar e facilitar o investimento em Portugal, também devemos de os fazer localmente, chamando-lhe PIM - Projeto de Interesse Municipal ou PIF - Projeto de Interesse de Freguesia, o que se lhe queira chamar, necessitamos é de abrir as portas para a criatividade e desenvolvimento local, para fixarmos e atrair mais população, dar aos nossos jovens a oportunidade de lhes mostrar que valeu a pena estudarem e concluírem as suas licenciaturas ou Cursos Técnicos e dar ainda a possibilidade ao desenvolvimento de pequenos e médios projetos.-----

Há no Paião património e recursos naturais que deverão ser utilizados para o desenvolvimento turístico e que poderão fazer parte de um roteiro incluindo também o que existe de bom nas nossas freguesias vizinhas. O vale encantado de Seiça com o mosteiro e a capela octogonal são um exemplo.-----

Permitam-me referir uma palavra que o Ricardo Araújo Pereira utiliza ultimamente num spot publicitário, para definir o estado da nossa Câmara. Passa por uma época de Poupançologia...-----

Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhores Vereadores, temos de reconhecer todo o vosso mérito nesta matéria.-----

Pois em virtude das dificuldades económicas que o executivo Camarário encontrou



e a necessidade da execução do saneamento financeiro, como é do conhecimento de todos, tem impedido investimentos e por isso não tem sido possível executar mais do que já foi feito também na Freguesia de Paião.-----

Mas tenho de lembrar que esta freguesia não tem um Parque Infantil. Lembro ainda que existem várias vias de comunicação a necessitar de algumas intervenções urgentes.-----

Por tudo isso o executivo desta freguesia tem procurado ultrapassar as dificuldades e com pouco procurar fazer o mais possível, o que nos tem obrigado a um esforço enorme para ir de encontro às necessidades dos nossos fregueses.---

Não posso esquecer o apoio social em que se afetam recursos públicos às pessoas que mais carecem dos mesmos. Não posso esquecer os diversos projetos que têm sido desenvolvidos com a comunidade Sénior da nossa Freguesia. Não posso esquecer os encontros Intergeracionais. Não posso esquecer os investimentos efetuados para proporcionar aos jovens a prática desportiva em várias áreas. Não posso esquecer os projetos da comunidade Europeia - Juventude em Ação, que levou diversos jovens do Paião ao encontro de outras culturas em diversos Países.-----

É neste sentido que temos trabalhado de modo especial para enfrentar a crise. Apesar das dificuldades, temos procurado desenvolver, desde o início do mandato, um trabalho de resposta atempada, de proximidade e de compromisso com o que a população espera de nós.-----

Comemorar Abril, significa partilhar ideais de progresso e de modernidade, num tempo que não tem contemplanções para atrasos e inércias estruturantes. Comemorar Abril significa acreditar no futuro. E se há alturas em que faz mais sentido apelar aos sentimentos que fizeram o 25 de Abril, este é o momento!-----

Viva o 25 de Abril."-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao representante da Associação 25 de Abril, Coronel Góis Moço."-----

CORONEL GÓIS MOÇO: "Senhor Presidente da Câmara, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Exm.ªs Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas presentes, Senhores Convidados, Filarmónicos da Sociedade Filarmónica Paionense, minhas senhoras e meus senhores.-----

Foi há 39 anos que o Movimento das Forças Armadas concretizou o derrube da mais velha ditadura da Europa. A luta de muitos portugueses contra a tirania, a opressão e o obscurantismo, culminou nessa radiosa jornada de 25 de Abril de 1974, que nos lançou na mais extraordinária aventura que um povo pode viver:



construir um país novo, recuperar do atraso em que o haviam colocado, fazer um Estado Democrático e de Direito, reconhecer o direito à autodeterminação e independência de povos colonizados, retirar Portugal do isolamento internacional em que os ditadores o mantinham, inserir-se numa Europa onde o Estado Social garantia há mais de trinta anos uma situação de paz, progresso, bem-estar e justiça social.-----

Foi o tempo de todas as esperanças, convictos de que se caminhava numa estrada com sentido único, ao encontro de uma sociedade verdadeiramente livre e justa.-- Hoje, envolvidos numa enorme crise, damos-nos conta de que não há conquistas irreversíveis, de que é sempre possível o regresso dos fantasmas, de que os tiranos estão permanentemente disponíveis para subjugar os povos que se descuidam e não se protegem eficazmente.-----

Hoje, assistimos e sofremos na pele, ao destroçar de muito do que de bom se conseguiu, ao retrocesso para “tempos da outra senhora”, à destruição do Portugal de Abril e ao abrir de portas a novas escravidões, à iniquidade, à perda de soberania.-----

Muitos perdem a esperança. Vemos com preocupação o regresso da emigração em massa, com muitos portugueses a procurarem no estrangeiro as condições de sobrevivência que não vislumbram na nossa terra natal.-----

Mas, porque “há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não”, estamos a lutar, com as armas que a Democracia conquistada, com Abril ainda nos permite, contra os novos tiranos que nos roubam o pão, o trabalho e a soberania! É uma luta difícil, os inimigos são poderosos, mas a nossa História de quase mil anos e o direito à nossa vida com futuro a isso nos obrigam!-----

Estamos a lutar contra os que nos trouxeram a esta situação, contra os que se apoderaram do poder e o utilizaram em benefício próprio, contra os que se venderam ao capital financeiro e aceitam ser capatazes do seu próprio povo.-----

Estamos a lutar contra a corrupção, que foi a principal arma utilizada para provocar esta crise, e exigir a punição dos seus autores.-----

Estamos a lutar contra o agravamento da crise, que vem aumentando em relação directa com a responsabilidade dos detentores do poder – sejam eles o Presidente da República, os governantes ou os deputados, que se mostram incapazes de encontrar soluções que travem a crise. Mas também, é curial afirmá-lo, as oposições políticas ou sindicais, incapazes de apontar alternativas.-----

Temos consciência que a crise é generalizada no mundo ocidental, nomeadamente na



Europa, mas isso não justifica a profundidade que atingiu em Portugal.-----
Estamos a lutar contra o marasmo, o conformismo, o amochar que se tem apoderado dos portugueses, perante as contínuas agressões, os roubos de que são vítimas, que os levam a olhar para a destruição do país, sem que se mobilizem e ponham cobro a uma situação que seria impensável há meia dúzia de anos.-----

Estamos a incentivar as acções da sociedade civil que vem despertando, vem assumindo a contestação e vem dando sinais inequívocos ao poder, que a não serem entendidos, provocarão fortes convulsões sociais, com a violência como pano de fundo.-----

Nesse sentido e considerando:-----

-O envolvimento em vários processos fraudulentos, de milhares de milhões de euros, de pessoas com as mais altas responsabilidades em diversos sectores da economia e das finanças da nossa sociedade, muitas vezes oriundos dos aparelhos partidários e tendo desempenhado as mais elevadas funções no Estado português;--

-A continuação das enormes arbitrariedades que agentes do poder público continuam a praticar, ao mesmo tempo que se vêm conhecendo novos dados sobre a natureza e a responsabilidade de muitos actos "lesa pátria", alguns configurando situações criminosas;-----

-A ausência de acções concretas, no sentido de responsabilizar os autores desses crimes.-----

A Associação 25 de Abril manifesta a sua indignação, face aos acontecimentos que se estão vivendo em Portugal e que configuram, sem a menor dúvida, um enorme e muito grave descrédito dos representantes políticos, um logro à confiança cidadã e um desprestígio para o nosso país, precisamente em momentos especialmente delicados e que requerem uma grande responsabilidade e compromisso.-----

A Democracia baseia-se num pacto social, onde os cidadãos elegem os que consideram os mais indicados para gerir os assuntos públicos e para os representar durante um período de tempo previamente acordado.-----

A Democracia não é, nem pode ser jamais, a concessão a uns quantos de uma patente de pilhagem para se enriquecerem durante quatro anos ou mais!-----

A Democracia tem o seu fundamento na confiança que os representados têm nos seus representantes e na lealdade destes perante quem os elegeu.-----

Quando essa confiança é traída e essa lealdade desaparece, o prestígio e a legitimidade moral da classe política desmoronam-se e o cimento da Democracia apodrece.-----



É o que, na opinião da Associação 25 de Abril, se está passando em Portugal!----
E é mais que sabido o que sucede quando, num Estado de Direito, a classe política perde o seu prestígio porque se transforma numa espécie de casta que deixa de servir os interesses de todos para servir apenas os seus próprios interesses.-----

Basta analisar a história do século XX para se concluir que essa foi sempre a antecâmara do totalitarismo.-----

Nesse sentido:-----

-A Associação 25 de Abril reclama uma justiça firme, eficaz e rápida; -----

-A Associação 25 de Abril reclama junto dos partidos políticos, a todos sem excepção, que façam tudo o que estiver ao seu alcance para denunciar e expulsar das suas organizações todos quantos hajam tomado parte em práticas corruptas. A todos e a todas, sejam quem forem.-----

Sendo os partidos políticos elementos essenciais ao funcionamento democrático, só com a sua elevação ética e regeneração poderá a classe política recuperar o prestígio perdido e a sua representatividade moral.-----

Sem isso, a democracia, tal como a entendemos, será uma mera ficção!-----

Por isso, se não forem os partidos políticos a alterarem este estado de coisas, terão de ser os portugueses a alterar os partidos políticos.-----

Para isso, os partidos políticos têm de ser capazes de ultrapassar os interesses próprios, de "capelinha", e privilegiar os interesses colectivos. Só assim serão responsáveis, só assim serão patriotas!-----

A Associação 25 de Abril exorta os meios de comunicação social a que, nestes tempos tão graves, sirvam, acima de tudo, os interesses dos cidadãos! Informem com verdade, objectividade e exaustivamente, sem negar ou ocultar a realidade nem manipular os factos.-----

Só da difusão e do conhecimento da verdade pode surgir a regeneração ética, de que a nossa nação necessita mais do que nunca!-----

A Associação 25 de Abril manifesta, por último, a sua esperança e a sua confiança, assim como a sua total lealdade, no sistema democrático e no Estado de Direito a que o 25 de Abril deu origem em Portugal, plasmados na Constituição da República.-----

Reclamamos pelas medidas necessárias ao impedimento da proliferação dos que se aproveitam do sistema para o seu próprio lucro e benefício, mas reclamamos também que essa exigência se faça rejeitando tutelas e "salvadores da pátria".--



Continuamos pensando que o sistema de liberdades e o pacto democrático entre os cidadãos é o melhor dos sistemas de governação.-----

Não desistimos, numa luta que não é só nossa. Nós e os outros povos europeus temos de ser capazes de perceber que os inimigos não são os outros povos, mas sim o capital financeiro que nos domina a todos e os que, em cada um dos países, a ele se venderam. A nossa luta é contra os tiranos e não de uns povos contra outros povos.-----

A Associação 25 de Abril exorta a uma democracia com ética e justiça!-----

Vamos vencer o medo, reafirmar Abril, construir o futuro!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado João Paulo Tomé.-----

JOÃO PAULO TOMÉ: "Exm.º Senhor Presidente da Câmara, Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.º Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Exm.º Senhor Presidente da Junta de Freguesia do Paião, Exm.ª Direcção da Sociedade Filarmónica Paionense, Exm.ºs Senhores Deputados Municipais, Exm.ºs Convidados, Portuguesas e Portugueses.-----

Cumprem-se hoje 39 anos sobre a Revolução do 25 de Abril de 1974.-----

Todos nós, repito, todos nós, deveríamos estar orgulhosos de termos inventado uma Revolução feita com flores e não com sangue. Dito assim, até é poético e lindo!-----

Mas, para que essa Revolução feita com flores fosse possível, houve sangue derramado. E não foi pouco!-----

Entre presos políticos, soldados portugueses e combatentes dos movimentos de Libertação das ex-colónias, foram alguns milhares de vidas delapidadas, sem contar com aqueles que ficaram estropiados, quer fisicamente quer mentalmente, pelas ocorrências das diversas lutas contra a ditadura e a guerra colonial.-----

Todos nós deveríamos estar conscientes deste elevado custo humano e do respeito que a todos nós deveriam merecer esses sacrifícios.-----

Mas a consciência desses sacrifícios e o respeito pelas vidas perdidas, andam cada vez mais arredios da nossa prática de vida e de governação, individual e colectiva.-----

Seria bom que todos entendessem que o 25 de Abril é, e será sempre, património de todos nós, independentemente de Partido Político, de Religião ou crença, de raça ou etnia.-----

O ideário "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" foram plasmados na nossa Lei Fundamental: -A CONSTITUIÇÃO!-----



Intrigantemente, esse ideário faz parte das origens fundadoras da história dos Democratas-Cristãos, dos Sociais-Democratas, dos Socialistas, dos Comunistas e até dos Anarquistas.-----

Reparem agora com a maior atenção.-----

Aqueles que procuram convencer os incautos de que a Constituição é um empecilho para o progresso, para uma boa governação, são os mesmos que, na história do cristianismo, quando Moisés desceu da montanha com as tábuas dos 10 Mandamentos, levaram o Povo a desprezar a palavra de Moisés e adorar o bezerro de ouro.-----

São exactamente os mesmos vendilhões que, mais tarde, Jesus Cristo expulsou do Templo a pontapé.-----

Mais exemplos históricos vos poderia citar, mas gostaria que compreendessem que a História se repete por ciclos e essa repetição tem-se revelado inexorável.----

Por isso, meus amigos, reflectam e acautelem-se.-----

Deixo-vos com uma simples mensagem/conselho:-----

- Aqueles que hoje em dia apregoam e defendem a "adoração ao bezerro de ouro", deixando que o País já tenha hoje à volta de 3 milhões de pessoas a passar fome, conforme nos ensina a História da Humanidade, mais cedo ou mais tarde serão "corridos a pontapé". Com, ou sem flores!-----

Por mim e em nome de todos aqueles que comigo estão, acreditem ou não em Política, é como disse o poeta, SÓ SEI QUE NÃO VOU POR AÍ!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado Nelson Fernandes.-----

NELSON FERNANDES: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores Deputados Municipais, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhores Vereadores, Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Trinta e nove anos depois de Abril de 1974, o país atravessa uma das maiores crises da sua história. E se para a caracterização da crise, o déficit das contas públicas, ou o excesso de dívida soberana, e o enorme e pesado lastro de desemprego, de emigração, de miséria e de fome, são a face visível, o rosto do país, o nosso interlocutor diário, aquilo que ressalta também, e que é a outra face da crise, é a incapacidade do governo, e já agora dos partidos do chamado "arco da governação", (isto é o PSD, o PS e o CDS) darem aos portugueses, uma saída política viável que permita vislumbrar uma qualquer luz ao fundo do túnel, ou então dar aos portugueses uma réstia de esperança no futuro.-----

Para Passos Coelho e Vitor Gaspar o futuro é "ir aos mercados", essa entidade mítica, em nome da qual se crucificam as pessoas e se faz desaparecer os países.



Para António José Seguro a solução é “mais Europa” num federalismo irresponsável que levará á desintegração das pátrias, que são e foram o elemento constituinte do pensamento e da cultura da Europa.-----

O governo e os seus, confrontados permanentemente com o falhanço clamoroso das suas previsões, com os resultados desastrosos das suas opções políticas, com o descrédito das suas soluções, põe agora a correr que o “programa de assistência foi mal desenhado”, ou, o mais caricato, que afinal, os estudos dos “gurus” económicos que Vitor Gaspar cita com frequência, teriam afinal erros de base na folha de excel que tratou os dados, erros esses que teriam tido importância determinante nesta catástrofe política que nos assalta. Mas quem acredita nisto? O governo actual, e também os governos anteriores, fazem e fizeram uma política ao serviço das classes dominantes dos monopólios e do capital financeiro e transnacional.-----

Repare-se que aquilo a que chamam eufemisticamente de reformas estruturais, atingem sempre, de forma direta ou indireta quem vive do seu trabalho; diminuem os salários, as pensões, os subsídios, os abonos de família, ou as prestações sociais. Há pouco António Borges dizia que os rendimentos dos trabalhadores teriam que descer cerca de 20% e já estamos perto disso. Aumentam as contribuições das pessoas e das famílias para o Serviço Nacional de Saúde, e já se fala no pagamento de propinas para o ensino secundário, medidas estas que impedem o desenvolvimento das capacidades dos trabalhadores e dos seus filhos. Na realidade está já em causa a democracia.-----

Esta situação representa na realidade um retrocesso civilizacional. E não se diga que não há dinheiro. Valerá a pena lembrar aqui uma verdade inquestionável. O dinheiro não desaparece. Muda é de bolso. E todos nós somos testemunhas da protecção à banca, às grandes empresas das parcerias público privadas à magnanimidade da regulação na gasolina, na electricidade, e gás, nas águas etc.; e na severidade com que são tratados as micro, pequenas e médias empresas, a quem se aponta o caminho da falência, castigadas com impostos, com atrasos de pagamento, e com a diminuição drástica do consumo.-----

Permitam-me, neste ano do centenário trazer a esta sala o Dr. Álvaro Cunhal, e lembrar que quando do debate da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, em 1977, quando alguns nos vendiam a “Europa connosco” (Mário Soares), outros diziam que “a adesão á CEE é o caminho da recuperação económica” (Sá Carneiro), ou ainda que a integração seria a “promoção da prosperidade económica



para os portugueses” (Freitas do Amaral) Álvaro Cunhal respondia - «Não. O que eles procuram no Mercado Comum são apoios e ajudas para levarem a cabo a sua operação anticonstitucional e subversiva, apoios e ajudas não para defender mas para liquidar o regime democrático, para liquidar o Portugal de Abril e as suas conquistas...»-----

Foi então que assistimos à euforia da liquidação da indústria, da agricultura e pescas, a pretexto de que o futuro não estava na produção nacional de bens transaccionáveis.-----

O aprofundamento da integração e os sucessivos tratados tornaram a Europa e as suas instituições um prolongamento da Alemanha, e transformam Portugal numa colónia governada por funcionários.-----

É hoje evidente, e cada vez mais aceite, que a integração na moeda única foi uma peça fundamental da crise que hoje atravessamos. Vou introduzir nesta sala um novo convidado, chamado Carlos Carvalhas que em 1997 disse que: «A moeda única é um projecto ao serviço de um directório de grandes potências e de consolidação do poder das grandes transnacionais, na guerra com as economias americanas e asiáticas, por uma nova divisão internacional do trabalho e pela partilha dos mercados mundiais.-----

A moeda única é um projecto político que conduzirá a choques e a pressões a favor da construção de uma Europa federal, ao congelamento de salários, à liquidação de direitos, ao desmantelamento da segurança social e à desresponsabilização crescente das funções sociais do estado.»-----

Não somos adivinhos mas analisamos com rigor a sociedade em que nos inserimos, e temos pelo menos o direito, a marcha dos acontecimentos assim o demonstra, de exigir um mínimo de atenção às nossas propostas políticas, permanentemente omitidas, falseadas e deturpadas por uma comunicação social que é definitivamente a voz do dono.-----

E voltamos ao 25 de Abril de 1974, para lembrar que quantos de nós, à época, estávamos desanimados e não encontrávamos saída para a situação. E quantos dos apoiantes do fascismo consideravam a situação segura e permanente?-----

O 25 de Abril foi uma resposta, adequada ao tempo. Este tempo há-de ter também a sua resposta. E nós no PCP, tal como trabalhamos para a resposta do 25 de Abril de 74, continuaremos a trabalhar para encontrar com o povo português a resposta para este tempo.-----

Viva o 25 de Abril.-----



Viva Portugal.”-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado António Jorge Pedrosa.-----

ANTÓNIO JORGE PEDROSA: “Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Entidades Presentes, Minhas senhoras e meus senhores.-----

Antes de preparar estas linhas que irei partilhar convosco, pensei no que é que eu poderia falar sobre o 25 de Abril que ainda não tivesse sido falado ao longo dos últimos 39 anos. Tarefa complicada, portanto!-----

Com mais ou menos romantismo, os discursos e as palavras que se proferem nesta e sobre esta data, resvalam sempre para o mesmo. São momentos de catarse, de esperança e de regresso ao passado. Mas são quase sempre momentos de reflexão, de crítica e de lamentos.-----

Li, reli, e voltei a ler inúmeros textos, apontamentos e pensamentos das mais diversas personalidades locais e nacionais, da esquerda à direita. Com ou sem cravo na lapela, os preconceitos e o moralismo ideológico, que se revelam em quase tudo que fazemos e dizemos sobre a política, estão plasmados na tentativa de apropriação dos símbolos e na mensagem de Abril por parte de quase todos. Nada de novo. Mas o que é extraordinário, é que a maioria desses escritos ainda hoje se encontram atuais. Alguma coisa falhou, seguramente!-----

Em tempos, alguém disse que Abril é evolução, deixando cair o “erre” da revolução. Noutros tempos celebrar o 25 de Abril era ser de esquerda. Desprezar Abril era ser de direita. Mas Abril não é de ninguém. Nem o termo povo é da esquerda nem tão pouco Pátria só é proferido pelas gentes de direita.-----

O 25 de Abril faz parte daquela categoria de acontecimentos que faz retornar a política à sua dimensão essencial. Esta revolução abriu uma janela para a Liberdade e a Democracia. Mas também para o Progresso. Só esta data consegue ainda ativar e manter uma reserva de entusiasmo pela cidadania e pela participação cívica que continua a ser a razão para continuar a fazer política.-

Quando se deu o 25 de Abril em 1974, só a política parecia ter importância. Hoje são a economia e a finança que castram a esperança dos portugueses, que delapidam a riqueza, que impedem o crescimento, que geram desemprego e metem os portugueses de mão a abanar.-----

Mas a verdade é que os últimos 39 anos mudaram o país. Basta pensar na distância que vai da ditadura à democracia, das províncias ultramarinas à integração na União Europeia, da sociedade rural a uma sociedade urbana, da indústria aos



serviços, das carroças nas aldeias aos automóveis. Basta perceber que, em tempos, para mudar de vida, a solução era emigrar. Portugal terá perdido mais de 1 milhão e meio de habitantes até à revolução. Até há bem pouco tempo, Portugal tornou-se um país de imigração. Portugal é agora uma democracia plena. Temos o euro e o PIB per capita passou de 5.000 € na década de 1970 para 15.000€ atualmente.-----

A população é mais urbana, mais instruída, mais saudável mas também mais velha. Nasce hoje metade das crianças que nasciam na década de 1970. Em 74, Portugal era um dos países mais jovens da Europa Ocidental mas é, em 2013, um dos mais envelhecidos. Ao fim de quase 40 anos após o 25 de Abril são já mais de 3,5 milhões de portugueses reformados por volta dos 60 anos e estima-se que em 2050, um em cada três portugueses terá mais de 65 anos. Tal facto não é só grave para a renovação de gerações, mas também para a solidariedade entre gerações.-----

A revolução dos cravos trouxe igualmente uma conquista fundamental, que inimaginavelmente se conseguiu atingir num tão curto espaço de tempo. O Estado Social, a maior expressão da igualdade. O Estado Social foi a principal forma de integração social, tais eram as desigualdades antes de Abril. O Estado Social é assim filho dos primeiros passos da democracia. Da esquerda à direita, todos os partidos tiveram um papel determinante e fulcral na sua construção e no seu alargamento. Mas aquilo que era um desiderato essencial de Abril, rapidamente se transformou num pesadelo.-----

Em quatro décadas os funcionários públicos duplicaram, sendo que hoje serão mais de 700 mil, a acreditar nas últimas projeções. Reformar o Estado Social é um imperativo, mas tal não se faz despedindo funcionários. Tal só se consegue com uma profunda reflexão sobre o papel do Estado no nosso país, sem preconceitos e com pouca ideologia, o que não parece ser possível. Afinal, temos escolas, jardins de infância, universidades, hospitais, centros de saúde, centros de emprego, lares de terceira idade, tribunais, repartições de finanças, câmaras municipais, freguesias, entre outros serviços que todos consideramos absolutamente essenciais para apoio à vida, com dignidade, dos cidadãos.-----

Mas tal tem um preço. Há hoje mais funcionários públicos do que trabalhadores rurais, mas nem por isso o Estado gasta menos dinheiro a pagar a sociedades de advogados, empresas de consultoria, assessores e grupos de trabalho que gravitam à sua volta. O Estado social agigantou-se, estimando-se atualmente que mais de 50% dos portugueses retirem do Estado rendimentos por via de emprego, subsídio



ou pensão. Temos, em muitos aspetos, Estado a mais ou um Estado demasiado caro para a riqueza que produzimos.-----

Portugal faz hoje parte do grupo de países com um dos piores desempenhos económicos do mundo ocidental. Segundo o mais recente relatório do FMI, somos a 4ª pior economia do Mundo. Mas ao contrário do que muitos pensam, entre 1960 e 2000, apesar de termos atravessado grandes convulsões políticas e sociais, Abril incluído, Portugal foi um dos 5 países que mais cresceu a nível mundial - 352% - o que correspondeu a uma média anual de 4,2%. Nesse período, apenas fomos superados por alguns países conhecidos como os «tigres asiáticos».-----

Com a entrada no Euro, seguiu-se uma década perdida. Investimento pouco reprodutivo, despesismo do Estado e baixa competitividade da economia. A inflação baixa, os juros acessíveis e a abertura das economias levaram a uma expansão tremenda do consumismo. Perdeu-se emprego industrial, perdeu-se emprego agrícola, mas o sector dos serviços galopou em empregos criados. Mais de 60% dos portugueses estão agora ocupados no sector terciário e a agricultura não representa mais de 10%. A terra e a indústria deram origem a novos setores na economia portuguesa, com destaque para a construção civil e vendas a retalho. Quase 40 anos depois de Abril, não temos indústria nem temos agricultura. Não somos sequer auto-suficientes em produtos alimentares, sendo que o caso mais gritante é um país de mar importar peixe.-----

Os portugueses, como outros povos ocidentais, tiveram acesso a grandes centros comerciais, autênticas catedrais de consumo e passaram a poupar menos. Um sistema bancário cuja a principal trave mestra foi o acesso fácil ao crédito tornou-se, sabemos hoje, perverso. Portugal tornou-se um dos países europeus com mais casas, mais automóveis e mais telemóveis por habitante da Europa. A título de exemplo, e segundo o último Censos, a percentagem de portugueses a habitar casa própria ultrapassa já os 75%!-----

Gastámos acima das nossas possibilidades e agora não conseguimos pagar. E há quem defenda, vejam bem, que não devemos sequer pagar. E assim, quase 40 anos depois de Abril, depois do sonho e da esperança, acordamos num pesadelo e somos diariamente açoitados por uma lusofagia galopante.-----

A crise, essa palavra maldita que entrou nas nossas conversas do dia a dia, já não é só económica e financeira. Também é de valores. E se conquistámos a liberdade em Abril, essa cegou-nos e não valorizámos outros valores, que apesar de em tempos se consideraram secundários, se tornam essenciais para termos uma



Democracia plena e transversal.-----

O mundo que idealizámos depois de Abril, desaba a cada dia que passa. Mergulhados na total ausência de moral, individualismo, injustiça, preconceitos, totalitarismo, lucro fácil e até no terrorismo, claudicamos na nossa resistência.-----

Estamos na era em que a vergonha, a responsabilidade, os princípios e a ética não constam do vocabulário dos decisores políticos. É inquestionável que não temos os líderes de outrora, mas também temos culpa no cartório. Somos pouco exigentes e de crítica fácil. Estrebuchamos com o anúncio de mais um buraco financeiro num qualquer organismo público ou câmara municipal. Mas sempre sentados à mesa do café. À espera de uma justiça que não funciona, não nos indignamos, não reclamamos. Lamuriamos entre os dentes e injuriamos tudo e todos.-----

Os partidos, essenciais ao funcionamento da Democracia e de um Estado de Direito, como todas as organizações, tendem a ser cada vez mais conservadores. Apenas modernizaram a sua imagem. E a democracia, na forma em que a conhecemos hoje, passados 39 anos sobre o 25 de Abril, é resultado da luta dos partidos pelo monopólio da representação democrática. Para o bem e para o mal.-----

As pessoas cada vez menos se reveem na forma de estar dos partidos, porque entendem que aqueles que os representam têm um défice de legitimidade para o fazer e muitos apenas o fazem para o seu próprio benefício, gerando naturalmente desconfiança. E por isso o populismo e até os humoristas, conseguem os resultados conhecidos. Como diria o outro «Tiririca, pior do que está, não fica!»-----

A solução que os partidos encontraram para atalhar caminho, foi a de se abrirem à sociedade civil, seja lá o que isso for, e como se isso não tivesse que ser a sua principal missão. Mas tal não se pode fazer só de quatro em quatro anos. E basta ler os números para o entender: a abstenção eleitoral em 1975 rondou os 8%. Hoje é superior a 50%. Essenciais para a democracia, urge aos partidos a correção das suas idiossincrasias.-----

É verdade que os portugueses estão sempre disponíveis para desconfiar dos políticos e das instituições, mas hoje votamos livremente, por sufrágio universal. Isso só foi possível com o 25 de Abril e temos que o preservar. Temos que ser capazes de fazer mais e melhor. Mas todos, partidos, movimentos independentes, grupos de cidadãos e sociedade civil! Não basta votar contra,



criticar e fazer barulho. O tempo da festa já lá vai.-----
Os problemas das pessoas, do concelho e do país têm que passar para o topo das prioridades na maneira de fazer política. Sem cosmética nas siglas, sem demagogia e com responsabilidade. Neste aspeto eu e o Movimento Figueira 100%, está de consciência absolutamente tranquila. Nem à esquerda, nem à direita. Sempre na procura de soluções para os problemas, sempre na defesa da Figueira da Foz, dos figueirenses e dos seus interesses.-----

Apesar de tudo, o desenvolvimento do país nestas quase 4 décadas, não obstante as 3 ameaças de bancarrota, é real, as melhorias são colossais e as conquistas de Abril estão de tal modo entranhadas no quotidiano, que mal se dá por elas; que muitas vezes não damos nada por elas; que um dia, se não estivermos alerta, daremos por falta delas.-----

Pouca gente em 2013, preferiria viver em 1974. Os portugueses não vivem como gostariam é certo, mas não baixaram os braços e todos os dias se empenham para ajudar o nosso país. Estão a fazer a sua parte. Os políticos têm que fazer a parte deles. Equilibrar as contas do Estado Central e Municipal, vai demorar seguramente mais de 15 anos, isto se tudo correr bem. E se tal situação não carece de diálogo, convergência e tolerância entre os partidos e movimentos independentes, então não há país, não há concelho que resista. Basta de tacticismos, basta de desresponsabilização.-----

É obrigatória a realização de um pacto entre todas as forças políticas para restituir aos portugueses a verdadeira liberdade. A liberdade para investir, trabalhar, produzir, usufruir ou simplesmente viver.-----

Termino com uma história que todos devem conhecer. É a história de um velho avarento que tinha um cavalo, mas que considerava que este lhe custava muito dinheiro para manter. O bicho comia, imagine-se! E como ele queria poupar, para diminuir a despesa que tinha, vá de reduzir na ração de favas do animal. Foi reduzindo, reduzindo e o animal lá ia sobrevivendo. Embora cada vez mais fraquinho e com menos forças.-----

O velho avarento insistia, para ver se ele se habituava. Entendia que, se todos os dias reduzisse uma fava à ração do cavalo, ele não notaria. Um certo dia, o velho avarento chegou muito desolado ao pé de um amigo, que lhe perguntou o que se passava, porque estava ele tão cabisbaixo. Ao que ele respondeu: «Imagina tu, que agora que o meu cavalo se tinha habituado a não comer, morreu!»-----

A situação do povo português, desde há uns tempos a esta parte, é cada vez mais



parecida com a vida desse pobre cavalo. As pessoas começam a desconfiar que quem governa o país, não tem nenhuma outra ideia senão a do velho dono do cavalo, que todos os dias nos vem impor um novo sacrifício, à razão de uma fava por dia. O cerco de austeridade que este governo está a promover aos portugueses é absolutamente ignóbil. Hoje estou certo que não conseguirei proporcionar um nível de vida à minha filha idêntico ao que os meus pais conseguiram para mim. Mas não podemos desistir. Devemos lutar com todas as nossas forças e ter fé. Ter muita fé. Quando esta nos falhar, resta-nos mandar quem manda à fava e fazer um novo Abril.-----

Vamos repetir Abril? Com certeza. Mas, desta vez, com muito mais responsabilidade.-----

Viva o 25 de Abril.-----

Viva a Figueira da Foz.-----

Viva Portugal."-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado Lídio Lopes.-----

LÍDIO LOPES: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Representante da Associação 25 de Abril, Senhores Deputados Municipais, Senhores Vereadores, Senhores Presidentes de Junta, Autarcas, Convidados, Comunicação Social, Paionenses, Minhas Senhoras e meus Senhores.----

Importa sublinhar, primeiro, o muito gosto e o enorme agrado que registamos, pelo facto de, neste ano de 2013, comemorarmos esta data tão importante para todos nós, com uma sessão solene da Assembleia Municipal, aqui no Paião, na Sociedade Filarmónica Paionense.-----

Uma saudação especial a todos os que vivem nesta terra e um agradecimento sentido, pela forma calorosa como nos recebem, que sublinha uma das características que precedem os Paionenses - a forma hospitaleira como sabem receber. Bem hajam.-----

Hoje é o dia 25 de Abril e por isso, Vamos falar Abril.-----

Abril vinca-se na opinião e na expressão de cada um de nós e há um generalizado apelo à sua génese, aos seus valores e à sua dimensão e alcance, sempre com uma força maior, em tempos difíceis, em momentos de austeridade e nos espaços políticos conturbados e a verdade é que os tempos que vivemos são de grandes privações e enormes sacrifícios para a esmagadora maioria dos portugueses, e que, porque o são para os portugueses são-no, também e igualmente, tempos terríveis para os Figueirenses.-----



Faltam empregos, por vezes no todo familiar, salários condignos, comida com qualidade em cima da mesa, não se encontra felicidade e alegria em muitas casas do nosso concelho. Ignorar isto, não é falar Abril.-----

E Abril é liberdade e repetindo John Kennedy, no dia de sua posse, «Se uma sociedade livre não pode ajudar os muitos que são pobres, ela não pode salvar os poucos que são ricos.»-----

Os dinheiros públicos ou escasseiam ou são mesmo inexistentes e as receitas do Município, como todos sabemos, não chegam para os continuados e necessários investimentos, respondendo a todas as suas competências. São tempos em que se exige enorme capacidade de inovação, de destreza política, de encontrar soluções em espaços onde antes, nem sequer se ponderava ir. E isto é falar Abril.-----

O sistema político tem-se alimentado, mais que nunca, de manipulação e demagogia e a verdade é que é tempo de erradicar essa prática e de assumir, com verdade o que temos e o que queremos e como iremos fazer para lá chegar e temos de começar por assumir que, durante muitos anos, vamos continuar a viver com muitas dificuldades. O povo sabe bem e por isso o afirma: Uma garrafa de vinho meio vazia também está meio cheia; mas uma meia mentira nunca será uma meia verdade. A política, no exercício da defesa do interesse comum, nunca mais vai ser feita como antes e isto é falar Abril.-----

A verdade é que o dinheiro vai continuar a faltar e é por isso que, para além dele, o que nos vai fazer falta é alento, enfim, coragem para confrontar a adversidade, criatividade numa perspectiva de inovação, de busca incessante de novas fronteiras, de empenho e de muito trabalho.-----

E isso vem de dentro de nós. Isso não se compra. Isso não faz parte do défice, nem vem expresso nas contas de fim de ano da autarquia. Isso nunca teve de ir a qualquer fiscalização do tribunal constitucional ou do tribunal de contas.-----

A verdade é que, é de nós, dos autarcas, dos que fomos escolhidos para o serviço público, que se espera estarmos à altura para a mobilização colectiva do nosso povo, da nossa gente e contribuir com a correcta mensagem e com os nossos actos, mas também omissões, para o estado de alma que se deseja: activo, combativo, inconformado, participativo.-----

Como dizia Mário Soares, usando o “direito à indignação”, mas fazê-lo no quadro democrático, responsável, percebendo o curso e o decurso da história que nos trouxe até aqui, para agora estarmos como estamos e então afirmar com decoro, coerência e princípios.-----



Não se requer Tribunal da responsabilidade da gestão da coisa pública dos últimos anos, mas deve assumir-se com consciência e memória e fazê-lo de forma desprendida, o que se fez e o que se decidiu. No País e no nosso concelho.-----

E é nos momentos difíceis que um grande povo requer alguém à altura das dificuldades. Alguém que se reinventa nas soluções, que sai à rua para o confronto das dificuldades e para a definição, no conjunto das melhores ideias, das melhores soluções.-----

Alguém que oiça, que tenha jeito, que vá de encontro ao povo, porque se espera desse homem, ser um homem como nós, mas um dos que se dá ao serviço público, de servir a sua terra e as suas gentes. E isto é falar Abril.-----

Isto é democracia, isto é 25 de Abril, isto é reinventar no dia-a-dia a força de uma revolução, na força do poder local, na força dos que nos dirigem nas freguesias e na câmara, balizados pela defesa do interesse público.-----

Falar Abril é falar nos que nos conduzem ou vão conduzir. -----

É ver a esperança que transmitem no gesto, ouvir a voz sempre presente, que não gere em função do seu interesse, é sentir a presença que não se vulgariza e que prestigia o Município, é reconhecer o conhecimento do terreno por nele ter crescido, vivido, sentindo as dificuldades que vai tentar atenuar e resolver, é sublinhar o som alto da sua afirmação, que se oiça no País, reclamando para o nosso concelho o que é do nosso mais elementar direito, é tudo o que Abril nos impõe, a cada um de nós, nas escolhas do autarca que irá segurar bem alto a nossa Bandeira. E isto é falar Abril.-----

Este é, por isso, um ano em que se vinca Abril nas escolhas que Abril nos proporcionou fazer, em liberdade através do voto livre e universal.-----

É fazê-lo no quadro de um Estado de Direito democrático, em que existem Leis, Regulamentos e Estatutos que têm o seu tempo de construção, de melhoria do seu objectivo, mas que também têm o momento de execução e aí exige-se participação, entrega aos novos tempos das reformas e responsabilidade no assumir as consequências das decisões construídas, o mais possível de forma participada.---

Falar Abril é assumir as responsabilidades, não é esconder-se atrás da omissão e do deixar para os outros o fardo da responsabilidade de decidir, porque essa decisão um dia pode roubar votos.-----

Falar Abril é nunca ter o número de votos como condição do que é melhor para o colectivo, muito especialmente nestes tempos conturbados.-----

Mas falar Abril é Falar Figueira da Foz.-----



E a Figueira cidade, passeando na rua ao fim do dia, tornou-se um deserto, mas mais grave do que isso, é que se revela, excepto nalguns oásis de iniciativa particular localizada, um deserto de esperança. Ignorar isto não é falar Abril. - E afinal, o que nos exige Abril a nós que Somos Figueira.-----

Abril exige-nos uma Câmara gerida em função das pessoas, que respeite a memória colectiva e a nossa identidade cultural. Abril exige-nos um concelho seguro, ambientalmente sustentável, humanizado e com qualidade de vida. Neste mandato, a Câmara executiva não ouviu em tempo o povo e os autarcas eleitos e tropeçou vezes sem conta em trapalhadas, que levaram a avanços e recuos, em decisões que deveriam ter resultado do caldo apurado do bom senso participado, nas mais variadas sensibilidades. A gestão do espaço público ficou aquém das mais baixas expectativas e à crítica do passado aos parómetros e à desertificação do Bairro Novo, seguiu-se um maior espaço com parómetros e um bairro novo a requerer a iniciativa privada para o salvar, porque da Câmara e ao que havia sido feito, só pior se fez. A surdez à voz do povo e a obsessão cega, não são cumprir Abril.---

Abril exige-nos uma Câmara que promova a descentralização de serviços para as Juntas de Freguesia, numa política de proximidade, que facilite a vida dos cidadãos e não o contrário. Este mandato que estamos a terminar revelou-se, na prática, esse contrário e a Câmara executiva foi o protagonista, no que fez e como o fez, do mais violento ataque às Juntas de Freguesia, ignorando-as, desconsiderando-as, secando-as na sua actividade e função. E depois vem num comportamento continuado de omissão, opinar sobre a reforma administrativa. Não fora a intervenção responsável e em tempo, do PSD e do Movimento Figueira 100%, no quadro de uma Lei do País, a cumprir e em vez de 4 freguesias agregadas, estariam 6 em causa no nosso concelho. Cumprir a Lei era um imperativo e o discurso demagógico apaixonado e a omissão só conduzia a uma perda maior para as freguesias da Figueira da Foz e isso, pelos vistos, era o que queria o executivo municipal e isso não é viver Abril.-----

Abril exige-nos uma Câmara que cumpra e faça cumprir os planos de ordenamento do território aprovados, que faça prevalecer o bem comum sobre os interesses particulares, mas que esteja atenta e seja interveniente e promova as necessárias alterações e correcções, que os novos tempos e realidades exigem para uma vida com qualidade. Continua a ser inaceitável que os Figueirenses, por todo esse concelho, tenham de sair daqui para concelhos limítrofes ou tenham de ir para a cidade, não podendo construir nas suas localidades. Abril exige-nos



uma Câmara ágil e rápida na apreciação de licenças e projectos, com o objectivo de termos mais investimento privado e criação de postos de trabalho. Mas este mandato que estamos a terminar revelou-se, na prática, como inexistente. Tudo o que estava mal, está na mesma. Tudo o que era inaceitável, continua no terreno. Todos os erros do passado, são erros no presente. Todos os que no passado tanto criticavam a inacção, nada fizeram em quatro anos, deixando como encontraram e isso não é cumprir Abril.-----

Abril exige-nos uma Câmara que mobilize os seus quadros técnicos e os seus trabalhadores para as tarefas de crescimento e de qualidade de vida da cidade e do concelho. Abril exige visão e estratégia, houve até quem afirmasse que agora é que se ia dignificar a função dos trabalhadores do Município. A verdade é que a fita de tempo não nos mostra nenhuma novidade, que está tudo na mesma ou pior e que, o que se fez, na reorganização dos serviços municipais, foi confessado publicamente por esta Câmara executiva, não ter resultado em inúmeros aspectos e ter sido mal feito e isso não é cumprir Abril.-----

Todos nós temos vindo a assistir, de forma mais ou menos passiva, ao definhar do concelho e à estafada afirmação de que não há dinheiro. Deixar de fazer, não fazer nada, passou a ser a solução para poupar, mas não é esse o caminho que devemos trilhar.-----

Abril exige-nos acção.-----

Estamos aqui hoje, porque acreditamos que a coragem pode vencer o medo; que a esperança deve substituir o desespero e a angústia e que a defesa do interesse público, de forma desinteressada, é sempre mais frutuosa do que a divisão artificial e a mentira intoxicadora da opinião pública.-----

Todos nós temos razões para empreender esta viagem de desenvolver a Figueira, vamos embarcar neste lugre com determinação, mas com elevação, com dignidade, com a certeza maior de que o concelho da Figueira da Foz está sempre primeiro e que estamos sempre abertos à opinião e à participação dos Figueirenses, respeitando a divergência e o pluralismo de opinião.-----

Abril proporcionou-nos a liberdade de expressão, a democracia e o pluralismo partidário.-----

Mas Abril deu-nos uma extraordinária conquista - o verdadeiro Poder Local e da sua ligação íntima e directa com as populações que serve e com isso fica-nos a responsabilidade, a determinação nas decisões e a exigência de falar Verdade.---

Porque é esse um dos legados do 25 de Abril, enquanto houver Portugueses,



enquanto houver Figueirenses, enquanto houver Paionenses.-----
Viva o 25 de Abril.-----
Viva o Paião.-----
Viva a Figueira da Foz.-----
Viva Portugal.”-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado Nuno Melo Biscaia.-----

NUNO MELO BISCAIA: Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.º Senhor Presidente da Câmara, Senhores Vereadores, Exm.º Representante da Associação 25 de Abril, Prezados Membros da Assembleia Municipal, Senhores Presidentes de Junta e demais autarcas, Senhoras e Senhores.-----

Talvez, em Portugal, nunca tenha sido tão pertinente celebrar a vitória da democracia sobre a ditadura, como nestes tempos conturbados em que vivemos.-----
Lembrar os generosos ideais que inspiraram a patriótica revolução de 1974, sintetizadas na trilogia simbólica dos Três Ds - democracia, desenvolvimento e descolonização - conceitos que devem ser, agora, revisitados como um exercício virtuoso da memória colectiva.-----

Para além da constatação dos nobres valores dela decorrentes, observamos, em pano de fundo, o traço comum do direito, entendido como o instrumento de proteção dos mais fracos ante o poder dos mais fortes e que se consubstancia na ordem jurídica do próprio Estado de direito.-----

Democracia, entendida como um regime que almeja proporcionar voz activa a todos os cidadãos, independentemente da sua condição social, económica ou cultural.---

Desenvolvimento, concebido na fixação legal de direitos do homem, na ambição legítima por uma vida melhor, seja na educação, na saúde, na solidariedade ou no acesso à justiça.-----

Descolonização, interpretada como um desígnio libertador dos povos e de respeito pelas exigências do direito internacional que a ditadura persistia em negar.----

Estas são as motivações essenciais do 25 de Abril de 1974, que hoje comemoramos, e que queremos enaltecer.-----

O regime democrático e consequente Estado de direito, corresponde a um grau civilizacional mais elaborado, mais justo, mas também mais complexo de gerir.---

É a construção política própria de homens e mulheres evoluídos, ante a barbárie e a tirania.-----

Neste contexto, a suprema «magna carta» de um povo livre é a sua Constituição, pedra basilar da relação entre os órgãos de soberania e da fixação de princípios



fundamentais e estruturantes da coesão social, como a igualdade de direitos, a proporcionalidade na aplicação da lei, a progressividade tributária, a representatividade eleitoral ou a justa repartição de obrigações.-----

Mesmo em tempos difíceis de limitação da soberania, como os que actualmente vivemos, a Constituição da República é o último baluarte da liberdade patriótica e, como tal, deve ser preservada de acomodações de conveniência às conjunturas, necessariamente efémeras.-----

As dificuldades que todos vivemos, o desencanto que perpassa as nossas vidas, o caminho estreito de esperança no futuro, são legitimamente terreno de divergência e polémica entre os cidadãos e os partidos, quanto à avaliação das suas causas e quanto à definição de propostas alternativas de solução.-----

Esse é o lado genuíno do regime democrático assente na diferença de opinião, mas também no respeito pelas opções divergentes que buscam o esclarecimento e o convencimento maioritário.-----

É por isso que, a Constituição da República, mesmo não sendo um documento cristalizado para todo o sempre e naturalmente sujeito a interpretações políticas, é um garante do regime, uma plataforma de consenso geral, pelo que a sua desvalorização oportunista pode pôr em risco a vida democrática, abrindo caminho a fenómenos totalitários ou a populismos demagógicos, como os que começam a emergir com a agudização da crise económica.-----

O descrédito dos protagonistas políticos que alastra nas multidões europeias, deverá alertar consciências e recapitular acontecimentos históricos que, na primeira metade do século XX, varreram o nosso continente com a vitória de ditaduras, que prometiam o paraíso, mas que trouxeram o terror, a opressão e a guerra.-----

O salazarismo reprovava o que chamava a desordem republicana; os nazis aproveitavam o descontentamento das condições de humilhação a que a Alemanha tinha sido condenada no pós-guerra; Mussolini apregoava a vingança dos esquecidos e o regresso de antigos impérios; Estaline esmagava os opositores em nome da revolução dita popular;-----

Todos eles recusaram Constituições consideradas obstaculizantes dos seus intentos e logo impuseram outras feitas à sua medida.-----

Todos os ditadores surgiram como messias salvadores das nações e, na primeira oportunidade, limitaram os direitos dos cidadãos. Todos se instalaram no poder em nome do povo e, sem demora, o desprezaram e oprimiram.-----



Tais factos, marcados a sangue na história, são por demais conhecidos e será prudente que não os esqueçamos.-----

Celebrar, hoje, a revolução democrática de 25 de Abril e o que dela ainda prevalece, é um imperativo cívico, contra a «míngua da memória» que parece estar a inquinhar a sociedade portuguesa.-----

Celebrar a liberdade, o Estado de direito, a paz e a soberania é um ato patriótico que nos deve unir, neste tempo tão incerto.-----

Celebrar a justa ambição de desenvolvimento é, pois, um desígnio que nos fará, ainda, ter esperança num Portugal mais justo, progressivo e solidário.-----

Um Portugal onde ainda há quem não largue o cravo da mão!-----

Os eleitos do Partido Socialista nesta Assembleia Municipal têm esperança, esperança e confiança, que os ideais de Abril continuem a imperar na gestão autárquica do nosso Concelho - responsabilidade, ponderação, equidade, e acima de tudo, o respeito pela opinião contrária!-----

Viva a liberdade!-----

Viva a democracia!-----

Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao Presidente da Câmara.-----

PRESIDENTE DA CÂMARA: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhoras e Senhores Membros da Assembleia Municipal, Senhoras e Senhores Vereadores da Câmara Municipal, Senhoras e Senhores Autarcas, Ilustres Autoridades Cíveis e Militares, Senhor Padre Manuel da Silva, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Vão decorridos 39 anos sobre o 25 de Abril e aqui estamos para comemorar a data e enaltecer a nossa inquestionável adesão ao acontecimento histórico.-----

Depois de uma longa tradição de passividade cívica, imposta por um regime autoritário que cerceava aos portugueses a consagração material dos seus direitos fundamentais, o país conquistou, em Abril de 1974, as liberdades que durante muito tempo lhe foram negadas.-----

Sem liberdade não há saber, ideias, pensamento, debate democrático, exercício pleno de participação nos destinos da comunidade a que se pertence.-----

O 25 de Abril trouxe também consigo os imperativos do estado social expressos nos princípios da solidariedade, da fraternidade e da igualdade.-----

A coesão social depende não só do exercício da cidadania democrática, mas também do grau de confiança que se estabelece entre os cidadãos e os que exercem os



diferentes poderes; depende da confiança na justiça e na equidade e na prossecução e manutenção duma distribuição equilibrada da riqueza.-----

Os portugueses reaprenderam a cidadania, a princípio de uma forma exuberante, e depois com sentido da responsabilidade, pois não pode haver liberdade sem responsabilidade.-----

O simples acto de termos ensejo de aqui estar é, por si, sinal de inquietude e resiliência. Não estamos satisfeitos.-----

Não questionando as virtudes da revolução, queremos mais. Queremos que a esperança que nele depositámos se concretize. Idealizámos um país transformado assente em padrões de liberdade, igualdade e prosperidade.-----

Sentimo-nos frustrados, questionando se valeu a pena. Pergunta-se amiúde se foi para isto que fizemos o 25 de Abril.-----

Eu direi, foi também para isto que fizemos o 25 de Abril. Este movimento de libertação permitiu que fôssemos livres de fixar o nosso destino. Porém a má percepção dessa liberdade conduziu-nos a soluções que não previmos e não acautelamos.-----

Numa fase inicial arrematados por promessas enganosas de revolução permanente, deixamo-nos conduzir a experiências de organização política que manifestamente não desejamos e à qual reagimos com firmeza reafirmando o nosso apego à Liberdade e à Democracia.-----

Seguiu-se um período de acomodação e construção de um Portugal Democrático, orientado e definido por uma constituição de grande ambição, cuja materialização aprofundámos e cujo paradigma não foi inibidor de soluções democráticas convergentes com a vontade popular.-----

Caminhou-se muito e bem do ponto de vista da consagração dos direitos económicos, sociais e culturais e chegou-se a obter resultados que demonstram ganhos claros na aposta do desenvolvimento e do bem-estar das populações. Basta atentar em indicadores sensíveis como a taxa de mortalidade infantil ou na esperança média de vida dos portugueses para percebermos que hoje não se vive como se vivia antes de Abril.-----

Mas cedo surgiu o encanto de novos modelos que nos enredaram em sonhos de fácil prosperidade, sem sacrifícios e tutelarmente protegidos por governos que se limitaram a usufruir das facilidades concedidas, adaptando a realidade e a dinâmica do país às oportunidades que tão generosamente nos eram concedidas.----

Nesta candura desenvolvemos um modelo de gestão que alheio aos desafios de



crescimento se acomodou às benesses do financiamento e dos subsídios.-----
Não admira que as nossas vulnerabilidades e algum inusitado entusiasmo consumista nos tenha colocado na posição de vítimas fáceis da crise financeira e económica despoletada há alguns anos, sobretudo quando nos acomodamos a interesses de índole individualista, alheando-nos dos problemas, da participação e da fiscalização da actividade pública.-----
Não admira que, afrouxados os laços da relação entre o estado e os cidadãos, se tenha permitido que o funcionamento do mercado com as suas poderosas forças de interesses, aliadas a uma perda de sentido ético na condução dos negócios e da economia tenha desencadeado uma grave crise na sociedade portuguesa.-----
Numa terceira fase percebemos que as opções não seriam as melhores. Tornou-se claro que a sustentabilidade do país estava em perigo e com ele o futuro das novas gerações. Mas mesmo assim, numa política de aparente coesão europeia, acreditámos que as dificuldades estavam definitivamente ultrapassadas e não era necessário o empenho de cidadania, a entregue generosa ao bem comum e o esforço de criação de riqueza. Estas exigências estavam, diluídas numa entidade difusa soberanamente fixava os nossos destinos.-----
Antevia-se que o modelo poderia falir, não pela bondade das suas intenções, mas pelo desfasamento de uma realidade implacável que teimávamos em rejeitar.-----
Por outro lado, o modelo de construção europeia entra em ruptura quando por egoísmo de alguns estados membros refutámos um projecto de tratado para a sua constituição, cujas linhas gerais, percebendo a necessidade de definição de estratégias comuns, apontavam para uma Europa federal a exigir de todos acrescido empenho na sua construção.-----
Por teimosia de alguns e individualismo de outros caminhámos a passos largos para esta encruzilhada de crise e austeridade que nos violenta e deprime.-----
É, portanto, urgente, voltarmos a exercer a liberdade que temos de forma responsável, o que significa exercer uma cidadania activa, participativa, atenta e fiscalizadora perante os diferentes poderes cujas decisões afectam as nossas vidas.-----
Não devemos aceitar conformar-nos com caminhos de via única, de direcção imposta, prescindindo de procurar e propor alternativas, se possíveis de consenso, de forma a atingir os objectivos a que nos propusemos em Abril de 1974.-----
Necessário se torna restaurar a confiança, num esforço de parte-a-parte, entre



os cidadãos e as instâncias mediadoras do poder, como o são os partidos, os sindicatos, os movimentos sociais institucionalizados. Foi por se ter corrompido esta confiança que se instalou a descrença, a apatia, a acusação fácil e torpe com que todos os dias somos confrontados, e que permite exorcizar culpas de uns e de outros que a lugar algum conduzem. Foi por se ter perdido esta confiança que os cidadãos recorreram a novas formas de afirmação e de luta, legítimas e compreensíveis, mas pelas quais se pode facilmente resvalar para aproveitamentos de outra índole, nomeadamente a da radicalidade dos processos e das exigências. - É imperativo retomar a esperança. As dificuldades não podem desvirtuar o nosso redobrado empenho na defesa da democracia e liberdade. Bem sabemos que as limitações e atentados à liberdade surgem nestes momentos de desencanto.----- É necessário reagir. Encarar as dificuldades com coragem repartindo os sacrifícios de forma equitativa, exigindo dos mais capazes entrega abnegada e empenhada.-----

Acreditamos que a crise que vivemos traduzirá uma mudança de paradigma à escala mundial, acomodará novos protagonistas e novas formas de estar, implicará novas relações de trocas comerciais e financeiras mas, sobretudo, entre nós, traduzir-se-á em novas posturas que vão da educação ao consumo, da prestação dos direitos sociais em novos moldes de equidade, de reafirmação de valores, padrões e éticas que não se compaginam com ideais egoístas e predadores que ignoram a aceitação do outro e a sustentabilidade.-----

A democracia conduzida de forma séria, participada e esclarecida encontrará soluções capazes de retomar o crescimento económico e o bem estar da população. Demonstrada a falência do egoísmo e do individualismo urge a retoma do compromisso social.-----

Não podemos tentar solucionar os problemas com ensaios experimentalistas que agravam as situações de carência, desprezando a solidariedade.-----

A sociedade europeia, o modelo de civilização que construimos e em que acreditamos, não se compadece com orientações desumanas e determinadas por uma lógica de mercado que não dominamos, nem conhecemos.-----

Por isso, minhas senhoras e meus senhores, faz todo o sentido estar aqui hoje a comemorar o 25 de Abril. A democracia e a liberdade são instrumentos poderosos para uma reforma pacífica e tranquila dos nossos destinos.-----

Saibamos porém colher os ensinamentos do passado recente, refutando e até denunciando qualquer solução que despreze o bem comum. Hoje exige-se de todos os



portugueses disponibilidade plena para participar activamente, em função das suas qualidades e capacidades, na reconstrução do seu país. Não é tempo de caprichos ou questiúnculas de baixa política, a disponibilidade tem que ser plena.-----

Viva a Democracia, viva o 25 de Abril.”-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: “Senhor Presidente da Câmara, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidente de Junta, Ilustres Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas, Senhores Convidados, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

O 25 de Abril, como data histórica recente de Portugal, faz-nos reunir, inevitavelmente, aqui e agora. São trinta e nove anos de uma história cheia de momentos bons e maus que nos fizeram crescer como povo que atingiu, depois de largas décadas de opressão , a Liberdade e a Democracia.-----

Estes dois conceitos são intimamente inseparáveis pelo que eu acho que o último pode englobar todos os valores a que o povo português sempre aspirou.-----

Democracia tem na sua raiz grega a palavra povo «demos» e poder «Kratia». Como disse Lincoln a «Democracia é o governo do povo, pelo povo, para o povo».-----

A história da democracia refere-se a um conjunto de processos históricos cuja origem é tradicionalmente localizada na Atenas Clássica e por meio dos quais foram forjados discursos e práticas políticas cunho democrático.-----

O conceito de democracia fundamenta-se na noção de uma comunidade política na qual todas as pessoas possuem o direito de participar dos processos políticos e de debater ou decidir políticas em que certos direitos são universalizados a partir dos princípios de liberdade de expressão e dignidade humana.-----

O conceito de democracia, vincula-se igualmente à ideia de lei e ao constitucionalismo não se resumindo, porém, à igualdade jurídica, mas dependendo do acesso democrático a espaços e benefícios sociais diversos.-----

Como afirmou um político da nossa era «Democracia com fome, sem saúde para a maioria dos cidadãos é como uma concha vazia.»-----

Democracia pressupõe liberdade, igualdade e solidariedade daí como ideal político que defendo é a democracia para que todo o homem possa ser respeitado como individuo na sua plenitude.-----

Aos totalitarismos de todas as cores, opõe-se a Democracia que pode, porém, apresentar vários tipos: A directa, a democracia representativa a democracia semi-directa.-----



A primeira refere-se ao sistema onde os cidadãos decidem directamente cada assunto por votação. Esta era a forma do sistema político de Atenas onde todos eram cidadãos onde se excluía as mulheres crianças e escravos. Este sistema só pode ser possível em comunidades muito pequenas. Para a organização dos nossos dias este modelo rapidamente tornaria uma sociedade ingovernável.-----

A democracia representativa é aquela em que o povo elege os seus representantes para que estes decidam sobre todos os assuntos da polis.-----

A democracia semi-representativa é aquela que, comungando da representativa, tem formas de participação directa dos cidadãos eleitores através de voto para decisão de vários assuntos sociais e políticos através de consultas específicas sobre a forma de referendo. É exemplo vivo deste sistema a Suíça onde muitas das decisões políticas são tomadas desta forma.-----

O que importa sublinhar é que no sistema democrático, ao contrário das ditaduras, o povo tem a palavra através do seu voto, mas não só. Os cidadãos organizam-se para poder participar em partidos, em grupos de cidadãos, em comissões e até através de manifestações. Todas estas formas de expressão se enquadram em direitos do regime democrático.-----

Claro que a democracia não é um regime em que cada um faz o que lhe aprouver. Viver em sociedade implica todos os nossos direitos, mas também todos os direitos dos outros que nos rodeiam. Por isso há regras que têm de ser escrupulosamente cumpridas por todos os cidadãos.-----

A minha liberdade acaba onde começa a liberdade dos outros . Eis uma regra que é óbvia.-----

Mas também se a democracia se mede pela maioria, esta tem que contar e respeitar todas as minorias, pois a democracia não é simplesmente a expressão ou vontade das maiorias.-----

«A democracia não é apenas a lei da maioria, é a lei da maioria respeitando o direito das minorias» - como afirmou o Primeiro Ministro britânico do pós guerra Clement Attlee.-----

Não há democracia sem regras, sem autoridade (que não autoritarismo), e será tanto mais perfeita quanto possa contar com a participação activa e ordenada dos seus cidadãos, com grande nível de educação cívica e intelectual, cientes dos seus direitos, mas também dos seus deveres, fazendo-se respeitar e respeitando.-

Tudo isto no cumprimento exímio da lei que é o primado essencial, porque perante a lei em democracia, a igualdade é absoluta. Por isso temos de exigir uma



justiça competente e eficaz.-----

Aos partidos, aos políticos, cabe um papel fundamental no bom funcionamento das democracias, porque são muitas vezes os seus desmandos que trazem a descrença aos cidadãos. A sua responsabilidade é total.-----

Se existem é para prestar um serviço público, não para se servirem do poder. A ética dos valores deveria ser o apanágio primeiro dos agentes políticos.-----

A comunicação social, o chamado quarto poder, tem também uma responsabilidade muito grande nos regimes democráticos porque a liberdade de expressão não pode fazer perder de vista a ética profissional e a ética dos valores. Porém, tal nem sempre acontece.-----

A informação isenta, completa, honesta, cede por vezes lugar à irresponsabilidade através dos interesses económicos, do «espectáculo», do «Insólito» do acessório retumbante.-----

Mas os cidadãos também não ficam de fora neste enumerar de responsabilidades.---

Cabe-lhes um papel principal e não podem esquecer que os seus legítimos interesses pessoais ou de grupo não podem colidir com o interesse comum.-----

Uma sociedade verdadeiramente adulta, responsável e democrática procede de uma forma elevada pondo o interesse de cada um ao serviço do interesse de todos. Como seria bom se em Portugal pudéssemos ter exemplos com o da Suíça onde foi perguntado em referendo, se as férias deveriam ser de quatro ou seis semanas. A participação dos cidadãos foi notável e a resposta esmagadora dos suíços foi de quatro semanas, pois bem, perceberam que o interesse do país estava acima do interesse de cada um.-----

Creio que provavelmente o nosso nível de cidadania ainda não nos permitiria que igual resposta fosse obtida em Portugal.-----

Mas cabe-nos a todos esta enorme responsabilidade de contribuir para tornarmos a nossa democracia mais forte , mais vigorosa, mais sólida, mais participada, mais responsável porque como dizia Winston Churchill também posso concluir que:-----

«A Democracia é a pior forma de governo se se exceptuar todas as outras que têm sido tentadas de tempos a tempos».-----

E não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo Presidente da Assembleia Municipal declarada encerrada a sessão eram treze horas, da qual, para constar, se lavrou a presente ata, que será previamente distribuída a todos os membros da Assembleia Municipal para posterior aprovação e que vai ser assinada pelo Presidente e pelo Secretário, nos termos da Lei.-----